

# REDES SOCIAIS VIRTUAIS NA ESCOLA: UM CAMINHO PARA O LETRAMENTO DIGITAL

Maria Jacy Maia Velloso\*  
Simão Pedro Pinto Marinho\*\*

## Resumo

O presente artigo descreve uma pesquisa que registra o processo de apropriação de interfaces da Web 2.0 por alunos do 7º ano de uma escola pública. Foi verificado se o uso de redes sociais virtuais poderia conferir habilidades para o letramento digital. Constatou-se uma superficial compreensão em relação às potencialidades da rede. Essencialmente não se utiliza a rede como forma de compartilhamento de saberes. Assim perde-se um potencial caminho para o letramento digital.

**Palavras-chave:** Escola. Letramento digital. Redes sociais virtuais.

## 1 INTRODUÇÃO

Com a internet disponibilizada na maioria das escolas do país<sup>1</sup>, seus personagens, professores, gestores e alunos se deparam com um poderoso provedor de informações. A internet, como um imenso banco de dados online, oferece informações que demandam procedimentos de localização, seleção e utilização, assim como outros modos de apropriação de seus recursos.

Uma das razões para que o uso da internet se amplie nas escolas está na necessidade de acesso à informação, na prática de pesquisa. Mas com isso surgiu a chamada geração <Ctrl + C >< Ctrl + V>, que simplesmente copia textos da internet, sem analisá-los criticamente, e, colocando-os como de sua autoria, dá como cumprida a tarefa da pesquisa escolar.

Mas fazer pesquisa não é a única razão de os estudantes buscarem o ciberespaço. Possivelmente o fazem muito mais na perspectiva de comunicação e de entretenimento. Muitos querem participar de uma vida nesse novo espaço através da interação que a rede oferece, seja na forma escrita, visual ou sonora. Assim, a porta que se abre com a Web 2.0 poderá ajudá-los, via escola, a utilizar as novas interfaces<sup>2</sup> da rede, proporcionando-lhes informações e interações que lhes podem ser úteis.

Neste artigo, trazemos dados de uma pesquisa que teve como objeto de análise investigar se o processo de apropriação das interfaces da Web 2.0, focada numa abordagem de análise de redes sociais virtuais, confere habilidades para o letramento digital.

\* Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, professora da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES- Minas Gerais. mariajacy@ig.com.br

\*\* Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC/SP, coordenador do Mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUCMinas – Minas Gerais. sppm@uol.com.br

Como objeto empírico dessa pesquisa, foi escolhida a rede social Ning, por suas interfaces, estrutura e formato. Através dessa rede social, buscou-se identificar as habilidades dos alunos para produzir novas conexões, novos conteúdos e ainda compartilhar informações online.

## **2 A ESCOLA E A WEB 2.0**

A chamada Web 2.0, a rede da leitura e da escrita, pode proporcionar mudanças profundas nas escolas, já que representa “uma grande caixa de ferramentas atraentes, simples e úteis” aos jovens (ANTÔNIO, 2008). No entanto, mudanças significativas só se efetivarão se as escolas conjugarem os potenciais de criatividade, colaboração e comunicação das interfaces da Web 2.0 com os processos de ensino-aprendizagem. A Web 2.0, por suas interfaces, poderá ampliar o conceito de sala de aula, permitindo que se construam conhecimentos de forma colaborativa, para além da sala de tijolos (MARINHO et al, 2008).

As interfaces da Web 2.0 podem representar a criação de novas dinâmicas para o processo de ensino-aprendizagem. Essas interfaces oferecem, com acentuada facilidade, através de telas bastante intuitivas, uma rede interativa que converge para um espaço: o blog, o fórum de discussão, o compartilhamento de imagens, músicas, vídeos e a construção de perfis pessoais. Segundo Carvalho (2008), essa facilidade potencializou o desenvolvimento das redes sociais virtuais (RSV). Destaca a autora que “postar e comentar passaram a ser duas realidades complementares, que muito tem contribuído para desenvolver o espírito crítico e para aumentar o nível de interação online” (CARVALHO, 2008, p.07). Redes sociais como o MySpace, Facebook, Orkut e as hospedadas no Ning, entre outras, facilitam e, de certo modo, mais do que isso, estimulam a interação social e ensejam aprendizagens (CARVALHO, 2008).

Segundo Bohn (2009) as redes sociais virtuais podem representar um imenso potencial pedagógico por possibilitar o estudo em grupo, a troca de conhecimentos e aprendizagens colaborativas.

Evidentemente que, se incorporadas pela escola, as redes sociais deverão representar novos e diferenciados espaços, exigindo uma nova didática na perspectiva de uma nova educação (MARINHO, 2010).

O que se percebe é que as redes de certa forma já fazem parte do cotidiano desses alunos, uma vez que muitos deles já participam de redes sociais. No Brasil, o Orkut é um fenômeno; 54% do total de usuários do Orkut são brasileiros. Sendo assim, Bianconi (2010) chama atenção para o desafio que se coloca para a escola: utilizar as redes sociais direcionadas ao contexto educacional, em uma perspectiva de partilha de saberes relacionados aos temas de estudos propostos, que seja tão interessante quanto as redes sociais como Orkut, MySpace e Facebook, redes voltadas para o entretenimento.

Entretanto, a utilização das redes sociais na educação encontra seus críticos. Nos Estados Unidos, algumas experiências mostraram que os estudantes têm utilizado esses espaços para postar informações inconvenientes e fotos obscenas sobre si e seus colegas, fazendo com que as escolas bloqueiem o acesso às redes sociais (SOLOMON; SCHRUM, 2007, p.67). Todavia, as autoras incentivam pesquisas enfatizando que os primeiros educadores a utilizarem as interfaces da Web 2.0 terão que testar suas vantagens e limites para o processo educacional. Como afirma Marinho (2010, p.203), uma das razões para a não incorporação das RSV no contexto escolar estaria no risco da exposição de crianças no espaço virtual, já que as redes sociais virtuais apresentam como característica básica a abertura para qualquer usuário. Assim, acabam sendo espaços propícios para a versão digital do bullying e da pedofilia.

Para evitar tais riscos, o autor vislumbra a possibilidade de a escola criar a rede social privativa. Essa rede, não tão pública, com a familiaridade, segurança e intimidade asseguradas, viria para a escola, ao invés de a escola ir para as redes (MARINHO, 2010).

Para a criação dessas redes sociais virtuais personalizadas (RSVP) a escola poderá utilizar sites que atendam às necessidades específicas dos usuários da instituição. Seriam criadas redes personalizadas (MARINHO, 2010, p. 2006).

### **3 AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS PERSONALIZADAS (RSVP) COMO UMA ESTRATÉGIA PARA O LETRAMENTO DIGITAL**

Além da possibilidade da melhoria dos processos de aprendizagem, a RSV pode atuar como importante meio para a aquisição do letramento digital, por conjugar em um único espaço diversas interfaces que demandam competências e habilidades, envolvendo o conhecimento das rotas e direções de operacionalização, comunicação, navegação e de criação/produção na internet e que possibilitam expressões por linguagens múltiplas.

As redes não são lineares e nem previsíveis. Dependem da decisão de cada um dos seus membros em realimentá-las com informações, num movimento de troca permanente. As redes sociais online são espaços, ainda que na virtualidade, que devem ser vivenciados com objetivos comuns e com adesão voluntária. Assim como alerta Franco (2009), as redes não representam caminhos pré-determinados ou uma orientação a ser seguida. Nelas os seus membros poderão atuar da maneira que quiserem, construindo seus percursos de ambiência, que por sua vez integram a comunicação nas redes sociais virtuais e as reais possibilidades para autonomia desses sujeitos nesses espaços.

Nesse contexto, as redes sociais virtuais, quando criadas pela escola [RSVP], poderão representar espaços de múltiplas expressões dos alunos proporcionando avanços significativos na fluência tecnológica, já que demandaria dos alunos, além da autoria consistente, um importante meio para a aquisição do letramento digital, por conjugar em um único espaço diversas interfaces que demandam competências e habilidades, envolvendo o conhecimento das rotas e direções de operacionalização, comunicação, navegação e de criação/produção na internet e ainda possibilitarem expressões por linguagens múltiplas.

A hospedagem de redes sociais virtuais restritas à escola pode ser feita nos sites como o Ning [www.ning.com], WackWall [www.wackwall.com], SocialGo [www.socialgo.com] entres outras. Dentre esses sites, nessa pesquisa, foi selecionado o site Ning.

O Ning<sup>3</sup> é uma plataforma que permite aos usuários criarem suas próprias redes sociais virtuais. Ele apresenta maior capacidade de integração das interfaces da Web 2.0 do que as redes sociais como o Orkut e MySpace. Por possibilitar a utilização de vários aplicativos, o Ning pode proporcionar o desenvolvimento de habilidades para a promoção da (co) autoria através de uma nova modalidade de leitura e escrita no ambiente digital. Dessa forma, o Ning pode ser entendido como uma possibilidade de utilização das redes sociais virtuais na perspectiva do letramento digital.

No campo da cultura digital, Soares (2002) define letramento digital como “certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela” (SOARES, 2002, p.151).

Como destaca Kenski (2001, p.132), com o advento das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), “o ato de ler se transforma historicamente”. A leitura de um texto não linear na tela do computador está baseada em indexações,

conexões entre ideias e conceitos articulados por meio de links, que conectam informações representadas sob diferentes formas, tais como palavras, páginas, imagens, animações, emergindo uma nova modalidade de letramento, denominado letramento digital.

Para ser considerado letrado digitalmente, o indivíduo precisaria ir além de manusear tecnicamente o computador. Necessitaria desenvolver capacidades que o ajudassem a interagir e comunicar-se eficientemente em ambientes digitais.

A aquisição do letramento digital seria, pois, uma necessidade educacional contemporânea e estratégia de sobrevivência em um mundo cada vez mais assentado em tecnologias. Ao apenas continuar alfabetizando para o uso das TDICs poder-se-ia deparar, em um futuro próximo, com os analfabetos digitais, ou seja, pessoas que dominam tão somente a técnica (Pretto, 2001), mas incapazes de usá-la para sua expressão enquanto sujeito, cidadão.

### CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Uma pesquisa sobre redes sociais virtuais como estratégia para o letramento digital foi realizada junto a uma escola pública municipal da cidade de Belo Horizonte, MG, Brasil.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi criada, no Ning, uma rede social virtual nomeada “Esporte Com Ciência” [www.esportecomciencia.ning.com], como espaço aberto à participação de alunos e seus professores.

Determinou-se como universo para a pesquisa uma turma do 7º ano, sendo que no total, 34 alunos foram envolvidos. A opção por essa escolaridade deu-se pelo fato de que esse ano escolar está composto, normalmente, por alunos cuja faixa etária representa o perfil médio de um aluno que deveria estar inserido na cultura digital.

### ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Inicialmente, para que o processo de ambientação na rede social virtual “esporte com ciência” (RSVE) fosse implementado, solicitou-se aos alunos o acesso ao e-mail pessoal, visto que os convites para o acesso e registro à RSVE criada já haviam sido enviados para os e-mails pessoais.

Quando solicitados a acessarem o e-mail, percebeu-se que somente 12 (doze) alunos conseguiram se lembrar do endereço do seu próprio e-mail e da senha para acesso. Consequentemente, somente esses alunos conseguiram acessar a RSVE e nela se registrar. Foi possível constatar que o e-mail não se caracteriza como uma ferramenta de comunicação utilizada regularmente por jovens dessa faixa etária.

A pesquisa de Nicolaci-da-Costa *et al.* (2007) apontou que o uso do e-mail é geralmente reservado para assuntos considerados mais sérios e formais. Tal fato pode decorrer da ideia de que a organização textual do e-mail se configura como de uma carta (ASSIS, 2007). A escrita de cartas, que requer a adoção de expedientes formais, não faz parte do universo das práticas textuais desses jovens alunos. Por isso, há um abandono progressivo desse recurso como forma de comunicação pessoal das pessoas mais jovens, se é que chegaram a, efetivamente, utilizá-lo.

Após o cadastro dos alunos na RSVE, foram demonstrados alguns dos recursos da rede. Percebeu-se que, dadas algumas orientações, os primeiros alunos que se cadastraram na Ning, conseguiram navegar pelo site, personalizando sua página na rede social, carregando foto, criando perfil, modificando o layout da página pessoal, características de um “usuário experto” (SANTAELLA, 2004).

Ao pesquisar sobre as habilidades cognitivas de usuários no ato de navegar na rede, Santaella (2004, p.65) concluiu que a frequência de uso da rede e a prática

podem ser consideradas como fatores primordiais para a aquisição de uma competência para navegar. De fato, nessa pesquisa foi evidenciado que os alunos a se cadastrarem primeiro possuíam uma familiaridade com o ciberespaço. São, em sua maioria, alunos que têm computador em casa e, portanto, apresentam um melhor desempenho para realizar as condutas de gerenciamento de sua página e utilização dos recursos da RSVE.

Outra realidade foi constatada junto àqueles que não se cadastraram de imediato na rede. Esses alunos tinham noção de acesso à internet, mas se restringiam a navegar sempre nos mesmos espaços, essencialmente Orkut, e a utilizarem o MSN como recurso para comunicação. Esses alunos apresentaram dificuldades para acessar a rede social, se cadastrarem e conhecerem os recursos que ela oferecia. Demonstraram ainda, impaciência e dificuldade para compreender os indicadores de navegação da RSVE e, frequentemente, necessitavam de assessoramento presencial, sendo estas características do “usuário leigo” (SANTAELLA, 2004). O usuário leigo é o usuário que sabe entrar na rede, que já memorizou algumas rotas específicas, mas ainda não adquiriu a familiaridade e a competência de um usuário experto.

Para além da possibilidade da melhoria dos processos de aprendizagem, a rede social virtual pode atuar como importante meio para a aquisição do letramento digital, por conjugar em um único espaço diversas interfaces que demandam competências e habilidades que envolvem o conhecimento das rotas e direções de operacionalização, comunicação, navegação e de criação/produção na internet.

Nessa perspectiva, o letramento digital demanda dos usuários a fluência para manipulação física e operacional do computador, exigindo, além de habilidades motoras para digitação e uso do *mouse*, habilidades cognitivas necessárias para reconhecer ícones, navegar pelos comandos, telas e funções da interface da rede social.

Para Novais (2010) é difícil determinar quantitativamente o número de habilidades necessárias para que seja possível utilizar qualquer interface. Em relação ao letramento digital relacionado à RSVE foram analisadas algumas habilidades traduzidas nas ações de adicionar respostas de fóruns de discussão<sup>4</sup> e comentários nos blogs nos locais adequados, criar discussões em fóruns, produzir e adicionar vídeos e adicionar vídeos de gerenciadores de imagens ou enviar vídeo por telefone ou e-mail, adicionar imagens e criar álbuns fotográficos virtuais.

Após duas semanas de trabalho foi postada uma questão no fórum de discussão: “O que você acha de participar de uma rede social virtual?”. Registraram-se apenas duas respostas de alunos. Nesse primeiro momento, percebeu-se um “silêncio virtual” por parte da quase totalidade dos alunos, que não se manifestaram na rede social durante os primeiros quinze dias de ambientação. Esse silêncio sugeria que os alunos não sabiam de maneira automática como participar de fóruns e debates. E isso teve que ser ensinado a eles.

Diante dessa situação, na semana seguinte foi utilizado um tempo maior para dar continuidade ao processo de acesso à RSVE. Como a escola tem o sistema de horários de 50 (cinquenta) minutos para cada disciplina, a estratégia foi disponibilizar aos alunos dois horários consecutivos no laboratório. Nesses horários, explicou-se o objetivo do fórum de discussão na rede social e comentou-se sobre a pouca participação no fórum e a importância da mesma para contribuir para aprendizagem do tema que estava sendo estudado.

Ainda com essa intervenção, a participação no fórum permaneceu pequena. Somente sete alunos responderam à questão proposta pela professora. A análise das respostas dadas a essa questão no fórum da RSVE revelou que, ao dar as respostas, três alunos não responderam no local esperado, mas adicionaram outro tópico de discussão. Esses alunos não tinham o objetivo

de iniciar um novo tópico, mas responder à questão. A falta de intimidade com a ferramenta acabou por levá-los ao erro.

Esses alunos, mesmo em outro local, buscaram estratégias para responder à questão, indicando um avanço. Dessa forma, escolheram os caminhos oferecidos no link “Fórum” e optaram pelo link “Adicionar postagem” como caminho para participarem da discussão. Usaram “regras situacionais para diminuir a aleatoriedade das escolhas, resolvendo os impasses que lhes foram impostos” (SANTAELLA, 2007, p.71).

O aprimoramento das habilidades dos alunos no desempenho de tarefas para responder aos fóruns ficou constatado em outras questões propostas em novos tópicos. Percebeu-se que a participação dos alunos em outros tópicos iniciados foi substancialmente maior. Em outro fórum, iniciado em julho, registraram-se 33 (trinta e três) participações de alunos, permitindo uma discussão mais profícua sobre o tema em estudo.

É interessante ressaltar que, nesse caso, houve somente uma resposta dada através do link “adicionar tópicos” encontrado no link “Fórum”. No entanto, constatou-se que a mesma aluna se autocorrigiu, encontrando depois o local adequado para a sua resposta. Essa constatação reforça a ideia de que “quanto mais a prática é executada mais o desempenho se aperfeiçoa” (SANTAELLA, 2004, p.71). No fórum realizado em setembro, buscou-se uma maior proximidade entre professores e alunos. A professora da disciplina respondia aos alunos, estimulando-os a uma maior interação.

Quanto aos comentários sobre as 48 (quarenta e oito) postagens dos alunos no blog, percebeu-se uma baixa participação dos alunos. Todos os comentários foram postados nos locais apropriados para esse fim, não sendo registrados equívocos ou dificuldades para o cumprimento da tarefa. Ressalta-se que os comentários sobre os *posts* tinham essencialmente o caráter de aprovação e admiração sobre os *posts* dos colegas ou dos

professores. Para Demo (2010), as postagens em blogs podem representar um ambiente inócuo quando os comentários são fúteis, apenas elogiando ou adicionando textos frívolos.

Foram 17 (dezesete) postagens de vídeos na RSVE. Contudo, somente três foram postados por alunos, os demais eram de professores. Os conteúdos da maioria dos vídeos, como se esperava, estavam relacionados ao esporte. Os vídeos foram exibidos 136 (cento e trinta e seis) vezes no total, estando relacionados ao jogo de futebol os mais exibidos ou vistos. Verificou-se que os alunos se interessavam em assistir aos vídeos, porém não se interessavam em postar outros vídeos, ainda que de autoria de terceiros, por links, ou mesmo vídeos caseiros, na RSVE. Para Caetano & Falkembach (2007) existe uma maneira que faz o aluno participar desse processo de forma muito ativa. É só torná-lo autor e coautor no processo de criação.

Nessa perspectiva, infere-se que apesar das facilidades atuais para a criação e a edição de vídeos, tal prática ainda não está presente no cotidiano escolar, uma vez que professores e alunos ainda enfrentam dificuldades para entender as linguagens digitais para a criação de vídeos. Outra dificuldade para se trabalhar com o vídeo na instituição pesquisada foi a ausência de um programa para edição de vídeo. A instalação de programas no computador da escola só pode ser realizada por uma empresa prestadora de serviço de informática da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Apesar das solicitações para instalação dos programas de edição de vídeo, até o final da pesquisa nenhum programa estava disponível, terminando por desestimular os professores.

Os alunos, em sua maioria, apresentaram habilidades para transferir fotos para a RSVE. Foi possível conferir tal habilidade na construção dos seus perfis rede. Do total de alunos, 23 (vinte e três) carregaram fotos em seus perfis.

Tais alunos, segundo Santaella (2004, p.65), são aqueles “que já têm um conhecimento específico de algumas rotas e que vão se virando para encontrar outras.” Esses usuários analisam os lugares prováveis para suas postagens e vão clicando, por tentativa e erro, nas opções que ainda não conhecem e, não raro, atingem seus objetivos.

As tentativas, até que alcançassem o objetivo, refletem ainda a importância que a publicação da foto tem para a construção do perfil e da exposição da sua imagem para a interação na rede. Entretanto, a importância da publicação da foto está associada ao prazer de mostrar-se, significando que “o reinado da aparência conjuga-se a partir da exaltação desmesurada do eu” (MEDEIROS, 2008, p.58). Dessa forma, qualquer estratégia de postagem é válida.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O letramento digital pressupõe o domínio de habilidades técnicas e cognitivas. A pesquisa nos sugere que a escola pode, certamente, potencializar o domínio das habilidades requeridas para o letramento digital. O desafio está em ajudar os alunos a explorar as interfaces da rede, não para se exporem com frivolidades, mas, ao contrário, para lhes dar significados a experiências essenciais na atual sociedade midiática, num exercício de cidadania em uma sociedade fortemente marcada pelas tecnologias.

As redes sociais virtuais podem servir de referência para o letramento digital na medida em que oportunizam a compreensão do ambiente digital: reconhecer signos, produzir criativamente, descobrir e pesquisar na rede. Mas para isso, professores adequadamente preparados e ações educativas inovadoras serão necessárias para qualificarmos as práticas para o letramento digital. Sem isso, corre-se o risco de não se agregarem valores à formação através do uso das tecnologias digitais de

informação e comunicação, subaproveitando-se seus potenciais. Assim, o que se pretende é a formação de usuários autônomos e criativos, capazes de serem sujeitos e não receptores passivos das tecnologias.

### SOCIAL NETWORKING AT SCHOOL - A PATH TO DIGITAL LITERACY

#### Abstract

The article describes a study developed to register the process of ownership of Web 2.0 interfaces by students of 7th grade from public school. We tried to see if the use of virtual social networks allow them to develop skills in order to become computer literate. It was noted a superficial understanding of the net potential. Essentially the new is not used as a way for sharing knowledge. For that reason, a potential way for computer literacy is lost.

**Keywords:** School. Digital literacy. Social virtual networks.

#### NOTAS

- 1 Segundo dados do MEC/SEED, até 2010, o PROINFO (Programa Nacional de Informática na Educação) deveria implantar laboratórios de informática em todas as escolas públicas urbanas Brasil e, através do Proinfo Integrado (Programa Nacional de Formação Continuada em Tecnologia Educacional), prevê ainda a capacitação de professores para utilizar novas tecnologias em sala de aula, especificamente as tecnologias de base digital. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12185&Itemid=86](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12185&Itemid=86) Acesso em: 24 fev. 2011. Em 2009, iniciou-se a FASE II do Projeto UCA – Um computador por aluno – prevendo a distribuição de 150 mil laptops educacionais em 300 escolas públicas. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15703](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15703) Acesso em: 24 fev. 2011.
- 2 Para Silva (2005) enquanto o termo ferramenta indica a extensão do braço, um instrumento de fabricação de manufatura. O termo interface ganha o sentido de dispositivo para o encontro de duas faces em atitude comunicacional, dialógica ou polifônica.
- 3 [www.ning.com](http://www.ning.com)

- 4 Fórum de discussão: recurso de comunicação assíncrona que possibilita a organização das discussões por assunto por disciplina, por grupo, por turma. (TORI, 2010, p.131)

## REFERÊNCIAS

- ANTÔNIO, J. C. Professor 2.0 (2008). Portal Educarede. Disponível em: <[http://www.educarede.org.br/educa/index.cfm?pg=internet\\_e\\_cia.informatica\\_principald\\_inf\\_escola=731](http://www.educarede.org.br/educa/index.cfm?pg=internet_e_cia.informatica_principald_inf_escola=731)>. Acesso em: 24 jun. 2011.
- ASSIS, J. A. Ensino/aprendizagem da escrita e tecnologia digital: o e-mail como objeto de estudo e de trabalho em sala e aula. In: COSCARELLI, C; RIBEIRO, A.E. (Org). *Letramento Digital: aspectos e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007. p. 209-236.
- BIANCONI, G. *Para os defensores das redes sociais na educação, mediação é o caminho para envolver jovens e obter resultados pedagógicos*. [Online] Instituto Claro, 2010. Disponível em: <<https://www.institutoclaro.org.br/em-pautal-para-os-defensores-das-redes-sociais-na-educac-o-mediacao-e-o-caminho-para-envolver-jovens-e-obter-resultados-pedagogicos/>>. Acesso em: 27 set. 2011.
- BOHN, V. *As redes sociais no ensino: ampliando as interações sociais na web*. [Online] Rio de Janeiro, Conexão Professor. Secretaria o Estado de Educação do Estado do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://conexaoprofessor.rj.gov.br>>. Acesso em: 28 set. 2010.
- CAETANO, S.V.; FALKEMBACH, G. A. M. *YOU TUBE: uma opção para uso de vídeo na EAD*. *RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação*, UFRGS, 2007. Disponível em: <<http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/3aSaulo.pdf>>. Acesso em: 22 maio. 2011.
- CARVALHO, A. A. *Manual de Ferramentas da Web 2.0 para professores*. Ministério da Educação, Portugal, 2008.
- FRANCO, A. *Uma introdução às redes sociais*. [Online] Disponível em: <<http://vivoeduca.ning.com/groupdeestudosderedessociais/2009>>. Acesso em: 28 set. 2010.
- MARINHO, S.P.P. *et al.* In times of media convergence, incorporating web 2.0 in the curriculum is the new challenge to the schools. *Revista de Informatica Social*, anul V, nr. 9, iunie 2008. Disponível em: <<http://www.ris.uvt.ro>>. Acesso em: 17 fev. 2011.
- MARINHO, S.P.P. Redes sociais virtuais. Terão elas espaço na escola. In: DALBEN, A. [et al]. *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p.197-213.
- NICOLACI-DA-COSTA, A. M. O cotidiano dos múltiplos espaços contemporâneos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, v.21, n.3, 2005. p. 365-373, Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v21n3/a14v21n3.pdf>>. Acesso em: 12 jan.2010.
- PRETTO, N. de L. Desafios para a educação na era da informação: o presencial, a distância, as mesmas políticas e o de sempre. In: BARRETO, Raquel Goulart. *Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2001. p.37-53.
- KENSKI, V. M. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- SANTAELLA, L. *Navegar no ciberespaço*. São Paulo: Paulus, 2004.
- SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.
- SOLOMON, G. e SCHRUM, L. *Web 2.0: new tools, new schools*. Internacional Society for Technology in Education. 1st Ed, Whashington, DC, Office, 2007.
- TORI, R. *As tecnologias interativas na educação de distâncias em ensino e aprendizagem*. São Paulo: Senac, 2010.

Enviado em 30 de abril de 2011

Aprovado em 15 de setembro de 2011